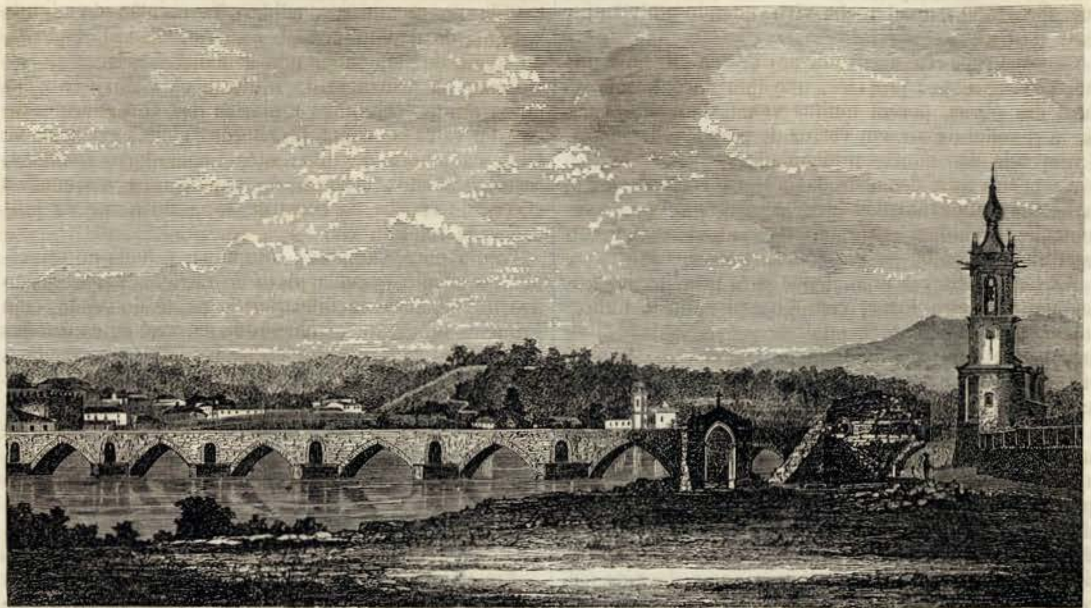


Ponte do rio Lima

VIAS ROMANAS: VIA MILITAR DE BRAGA A ASTORGA POR PONTE DO LIMA; PONTE DO RIO LIMA E ARRABALDE DA VILLA DE PONTE DO LIMA, CHAMADO — RUA D'ALÉM DA PONTE.

Foi no reinado de Augusto Cesar que se começou a gigantesca empreza das vias militares, ou estradas reaes por todo o imperio romano, porque até então não ultrapassavam os limites da Italia. Os successores de Augusto continuaram sem descanço esta grande obra, e quando levantaram mão d'ella, estendiam-se e cruzavam-se as vias militares desde a Galliza e Lusitania, que eram os extremos occidentaes do imperio, até além da Babylonia, onde tinha as fronteiras orientaes; e desde a Escocia, que o limitava pelo septentrião, até ao interior da Africa que o terminava ao Meio-Dia.

As *vias militares e vicinales*, que os romanos traçavam por todos os paizes sujeitos ao seu dominio, são de per si bastante documento do subido grau a que chegou a civilisação da antiga Roma.

Desde que baqueou esse imperio colossal, que assombrou o mundo com a grandeza do seu poder, com o immenso prestigio do seu nome, e com o esplendor da sua illustração, até ao seculo passado, não se tornaram a construir estradas tão grandiosas e magnificas como as dos romanos.

Combinando as vantagens politicas com as economicas, estabeleceram por systema invariavel de governo, e executaram com firme perseverança na diuturnidade dos tempos, o pensamento civilisador de unir a capital do imperio não só com as suas provincias mais longinquas, as quaes abrangiam paizes das tres partes do globo então conhecidas, mas tambem com todas as povoações importantes d'essas provincias, que a seu turno ficavam ligadas entre si.

Não havia obstaculos que embargassem o arrojo d'estas emprezas. Se algumas vezes, por encurtar espaço, ou para maior brevidade da obra, seguiam, na abertura das estradas, os accidentes do terreno, subindo por ingremes encostas, outras vezes aplanavam collinas, cortavam e rompiam montes, ou serpeavam em mil voltas pelas escarpas das serras á custa de trabalhosos movimentos de terra, e de mais custosas cortaduras em rocha viva. Nas quebradas das montanhas, nos ribeiros, e mesmo nos rios caudalosos, lançavam pontes de pedra de ousada fabrica, e de tão solida construcção, que muitas d'ellas ainda hoje attestam, ao cabo de tantos seculos, a sua magnificencia e robustez.

A estas circunstancias, e ás commodidades que essas vias offereciam pela sua muita largura e bom piso, accrescia mais, para que taes obras merecessem o titulo de magnificas, serem guarnecidas, de milha em milha, de padrões de pedra, em fórma de grossas columnas, com inscripções que indicavam ao viajante as distancias e nomes das terras principaes, bem como quem fôra o fundador ou reedificador da estrada. Estes padrões são chamados *columnas miliarias*.

As vias militares eram calçadas com grandes pedras bem planas, como se observa em varios pedaços que restam da que ligava Lisboa e Santarem a Merida, ou eram feitas por um processo, posto que mais complicado, similhante ao que hoje usâmos na construcção das estradas macadamisadas. Compunham-se as vias por aquelle processo de quatro camadas, ou *camas*, como lhes chamavam. A primeira denominada *statumen*, que consistia em grandes pedras, era considerada como alicerce, e procuravam assental-a no terreno mais firme que se podia encontrar, sem todavia se cavar a muita profundidade. A segunda, *roderatio*, constava de fragmentos de telhas, de ladrilhos, e de quaesquer vasos de barro, ou pedra miuda, envolvidos com argamassa. A terceira, *nucleus*, era uma cobertura de cal amassada com areia, de uma certa espessura, e que servia para receber e prender, estando fresca e branda, a quarta e ultima camada, á qual chamavam *summa crusta*, ou *summum dorsum*. Compunha-se esta de seixos dos rios, de calhaus, de pedaços de tijolos, de fragmentos de rocha granitica, etc. Aos lados faziam-lhes fossos para o escoamento das aguas da chuva.

Este systema de construcção era, na verdade, muito trabalhoso e dispendioso, mas as estradas assim fa-

bricadas tinham mui longa duração. D'isto são testimunho os lanços d'essas vias que tem sido descobertos ao fazer de excavações, não só pelo seu perfeito estado de conservação, mas tambem pela resistencia que apresentam, qual rocha viva, quando o alvião intenta destruil-as.

Os constructores aproveitavam os materiaes, ainda que fossem menos proprios, que iam encontrando no local das obras, porém muitas vezes viam-se obrigados a mandal-os vir em carros de grandes distancias, e vencendo não poucas difficuldades.

A conservação das estradas estava confiada a homens que cuidavam das leves reparações, como presentemente cuidam entre nós os cantoneiros. Aquelles tinham o nome de *viarum curatores*.

As *vias militares* eram feitas para transito das tropas em primeiro logar, como o seu nome o indica, depois para união da capital ás provincias, e finalmente tambem para fomento do commercio. As *vias vicinales* tinham por fim facilitar a communicação das terras principaes com as de segunda ordem.

Tiravam communmente as estradas a sua denominação popular do nome do soberano que as mandára construir, ou da côr mais predominante das pedras que formavam a camada superior. Aquellas em que abundava a pedra branca, cómo a de Salamanca, eram chamadas *vias argenteas;* ás fabricadas com pedras cinzentas ou negras davam-lhes o nome de *vias ferreas*.

As despezas de construcção saíam de diversas fontes, segundo as circunstancias o pediam. As principaes eram os cofres publicos, havendo contribuições especiaes para essas obras, lançadas sobre a propriedade rural, de que ninguem era isempto, inclusivè o proprio imperador; os legados e donativos feitos pelos cidadãos com essa applicação; e o producto dos despojos de guerra tomados aos inimigos.

Construiram os romanos na Lusitania varias *vias militares*, e muitas *vicinales*. Só da cidade de Braga, partiam cinco das primeiras, uma direita a Lisboa, e quatro em diversas direcções, mas convergindo todas á cidade de Astorga. A que seguia para Lisboa corria com pouca differença por onde agora vae a estrada real de Braga ao Porto, Coimbra, Leiria e Lisboa. As outras quatro tinham as seguintes direcções.

A primeira ia de Braga a Chaves (*Aquas Flavias* dos romanos), e d'ahi á cidade de Astorga. A segunda dirigia-se ao Cávado; d'este rio até Fão *(Aquas Celenas)*, e depois junto á costa do Oceano até um logar chamado Grandimiro, na Galliza, seguiam os viajantes a via maritima; e de Grandimiro continuava a estrada por Lugo até Astorga.

A terceira era de todas quatro a mais grandiosa. Encaminhava-se de Braga ás margens do rio Homem, que atravessava sobre tres excellentes pontes em tres sitios differentes, por causa das voltas que o rio faz. D'alli proseguia em direcção á serra do Gerez, entrava na Galliza, e ia por Lobios a Astorga. Chamavam-lhe na Lusitania, *estrada da Geira*, dizem que em razão das muitas voltas ou giros que descrevia. Ainda hoje chamam a *Geira* áquelles sitios, por onde a estrada passava em zig-zag. Conforme memorias antigas, esta estrada corria sempre plana, ou com suave declive, larga e bem calçada. Da via do Gerez foram recolhidas a Braga em diversos tempos varias columnas miliarias, que jaziam caídas e dispersas, e algumas d'ellas enterradas. Primeiramente estiveram no campo de Santa Anna, em torno de uma ermida d'esta invocação. Mandou-as alli collocar o arcebispo primaz D. Diogo de Sousa nos principios do seculo XVI. Ao diante foram trasladadas para o sitio das *Carvalheiras*, onde ao presente existem.

A quarta via militar saía de Braga, atravessava o Cávado na Ponte do Prado, direita a Ponte do Lima *(Forum Limicorum)*, d'ahi a Tuy, na Galliza, e dirigindo-se a Lugo, entroncava na que vinha da costa do Oceano, e seguia para Astorga. Percorria uma extensão de 299.000 passos, ou 74 legoas e tres quartos da nossa antiga medida. Na opinião de alguns antiquarios denominava-se esta estrada *via Augusta*, do nome do imperador que a mandou abrir.

Como na provincia do Minho e na Galliza existem ainda muitas columnas miliarias das que guarneciam aquella estrada, e nas inscripções n'ellas gravadas se lêem os nomes de differentes imperadores romanos, resultou d'isto variarem de opiniões os antiquarios ácerca da epocha da construcção, e do nome do fundador da referida via.

Porém uma d'aquellas columnas, achada no principio do seculo passado junto ao Cávado, por occasião dos trabalhos de reedificação da ponte do Prado, cuja primeira fundação foi obra romana, acabou com todas as duvidas, resolvendo a questão. Tinha gravada a seguinte inscripção:

Imp. Cæsar. Div. F. Aug.
Pont. Maximus. Imp. XV. *Consul.*
XIII. *Trib. Potest.* XXXIV. *Pater.*
Patriæ. Brac.
I. I. I. I.

Em vulgar quer dizer: *O imperador Augusto Cesar, filho de Divo, pontifice maximo, investido na dignidade de imperador quinze vezes, na de consul treze, e no poder tribunicio trinta e quatro, pae da patria, mandou construir este caminho. D'aqui a Braga são quatro mil passos* (uma legoa).

A inscripção não tem data, mas, attendendo ao numero de vezes que ahi se diz ter tido o imperador Augusto Cesar o poder tribunicio, devia effeituar-se aquella fundação no anno 11 do nascimento de Jesus Christo.

Este é o mais antigo padrão d'aquella estrada de que ha noticia, e, além d'isso, é fóra de duvida que foi Augusto Cesar, como n'outro logar dissemos, quem deu principio ás vias militares nas provincias do imperio além das fronteiras da Italia.

Restam bastantes vestigios d'esta via em diversas localidades. Cremos, porém, que onde se encontra o maior numero d'elles é na villa de Ponte do Lima, e no seu arrabalde da margem direita do rio.

Está sentada esta antiquissima povoação na margem esquerda do Lima, a uns 17 kilometros da foz d'este rio, e da cidade de Vianna do Castello. Aguardando occasião mais opportuna para tratarmos da villa, vamos fallar da sua famosa ponte, que se vê representada na gravura junta, do seu arrabalde da margem direita, e dos padrões romanos que n'elle existem.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

UMA AVENTURA DE CAPA E ESPADA

(Conclusão. Vid. pag. 333)

IV

ONDE O AUCTOR, PARA DESEMBARAÇAR ESTA MEADA, NÃO TEVE REMEDIO SENÃO ACORDAR EL-REI E PERTURBAR O SOCEGO DA FAMILIA REAL.

Depois da scena violenta do parque, scena que fôra felizmente interrompida pelos gritos da pudibunda e septuagenaria dama de honor, o marquez de Pombal dirigiu-se para o palacio com tanta tranquillidade, como se nenhum incidente extraordinario tivesse alterado o socego dos seus passeios habituaes.

D. Paulo de Lencastre, ao lado de Magdalena toda

trémula ainda das commoções por que passára, viera até proximo do palacio, sombrio e meditabundo. De um lado accommettia-o o pensamento do crime judiciario do marquez, crime de que seu pae fôra victima, e do crime ridiculo e pretencioso da villã tentativa sobre a virtude de Magdalena. Por outro lado pensava na incerteza em que o tinham lançado as palavras da sua noiva, e a attitude nobre do velho ministro tão differente dos modos jactanciosos do homem, cuja conversação soprendêra. Em conclusão abençoava o incidente que o salvára da villania de commetter um crime, que nem o amor filial desculpava, sendo crime tão feio como era o de assassinar um velho indefeso.

Tão absorvido ia nos seus pensamentos, que nem fez caso da sua noiva, que ia ao seu lado olhando para elle com ternura e timidez.

Chegaram assim ao pé da fachada do palacio.

Os gritos partiam do torreão do poente, onde eram situados os aposentos de sua alteza real, e do infante D. Pedro seu marido. Magdalena observou com espanto que a scena mencionada no capitulo precedente se passava no quarto que lhe pertencêra, antes das mudanças que n'esse mesmo dia houvera.

As janellas da *sala das talhas*, cheias de cabeças curiosas, que appareciam ainda em todo o desarranjo nocturno, estavam illuminadas pelas luzes que cada um trouxera do seu quarto. N'uma das janellas apparecia o conde de Val-de-Reis, que recuperado do susto que tivera, julgando que havia incendio, conversava pacificamente com o conde de Azambuja, seu irmão, que olhava para tudo com gesto carregado. N'outra janella estavam reunidos os camaristas do infante, o conde da Ponte analysando a scena, e achando no seu inesgotavel thesouro satyrico bons ditos e epigrammas, com que fazia sorrir os seus collegas conde de Povolide e D. Vasco Manuel da Camara; mais adiante o védor conde de Redondo esforçava-se por se fazer ouvir do conde de Soure, o que não conseguia apesar de lhe berrar aos ouvidos com quanta força tinha; em fim em todas as janellas da *sala das talhas* e das salas adjacentes reinava um extraordinario borborinho e uma desusada confusão.

— Mas o que vem a ser isto? perguntavam todos.

Ninguem sabia responder; nem que soubessem, podiam, porque as gargalhadas promovidas pela atrapalhada situação do marquez de Valladares lh'o não permittiriam de certo.

O mais espantado de todos era incontestavelmente D. Paulo de Lencastre. Na voz masculina, que procurava socegar e abrandar a esganiçada velha, tinha elle reconhecido, sem lhe restar a minima duvida, a voz que pronunciára as palavras fataes da estrada da Ajuda.

Pelas poucas palavras que o marquez de Pombal soltára na violenta entrevista, tinha D. Paulo percebido que havia uma certa differença entre as duas vozes. Mas de allucinado que estava, promptamente esquecêra este reparo, que era de mais explicado pela alteração que scena tão extraordinaria devia forçosamente produzir na voz do marquez.

Mas agora que ouvia de novo a voz que sentira na estrada, tornou-se-lhe mais sensivel a differença, e, voltando-se espantado para Magdalena, perguntou-lhe:

— Quem é este homem?

— É o marquez de Valladares; não percebo como elle foi alli parar.

— Parece-me que percebo eu. Dize-me; este homem fez-te a corte?

— Creio que sim, á moda d'elle. É um pateta, um galanteador caduco, que pretende namorar todas as senhoras, e que se gaba de que todas o attendem. Ninguem faz caso d'elle.

— Oh! perdôa-me, Magdalena, bradou Paulo percebendo tudo, curvando-se e beijando com paixão a mão da sua noiva, fui um infame: julguei que as perfidas emanações que fluctuam na atmosphera corrupta do paço, tinham entontecido tambem a casta pomba do meu amor. Ouvindo este homem na estrada da Ajuda fallar de ti como de uma conquista realisada, julguei que, esquecendo os teus juramentos, sacrificavas o amor a um casamento interesseiro. Pensando ainda agora que esse trôpego seductor era o marquez de Pombal, aventurei ainda peior opinião: julguei que tinhas trocado o véo da tua innocencia pelo invejado manto de oiro de valida do grão-visir portuguez. Allucinou-me esta idéa. Oh! perdôa-me.

Os dois amantes estavam collocados por traz de um dos cedros pyramidaes que rodeiam o tanque. A luz brilhante, que diffundiam as janellas do paço, illuminando esplendidamente uma certa área, tornava ainda mais escuros os sitios aonde não chegava. Paulo ajoelhou e beijou devotamente a mão de Magdalena. Esta inclinou-se para elle sorrindo, e, desviando-lhe os cabellos, poisou-lhe na fronte um beijo, ligeiro como o ligeiro roçar das azas do anjo do amor, ardente como os ardentes raios do sol de uma paixão.

— Se te perdôo! É tão doce inspirar esses delictos amorosos! É tão suave perdoal-os! Mas dize-me, accrescentou ella, mudando de tom, o marquez gabou-se da minha conquista, e o inconstante foi logo tentar nova empreza, assaltando o quarto da pobre D. Anna?

— Creio que foi engano, respondeu Paulo, elle tencionava assaltar o teu quarto: foi para te salvar d'esse perigo que eu me atrevi a entrar na quinta.

— Ridiculo e infame! Como ousava elle a fazel-o?

— Dizia que o tinhas contemplado com ternura na serenata real.

— Eu?

— Sim. Estava elle conversando com José de Seabra, e com D. Luiz da Cunha. Vê como eu me lembro. Cada uma das suas palavras ficou-me gravada no coração.

— Louquinho! Agora percebo tudo. Ao pé d'elles e na mesma direcção estava o marquez de Pombal conversando com el-rei. Desde que entrei no paço, formei tenção, Paulo, de implorar o teu perdão. Uma invencivel timidez me tinha retido até agora. Mettia-me tanto medo aquelle rosto impassivel do marquez, aquella mascara de bronze, onde o tempo não póde cavar uma ruga, a alegria abrir um sorriso, a tristeza desdobrar seus véos! Mas hoje resolvi-me! Não via a menor esperança no futuro, e no horisonte carregado bruxuleava cada vez mais frouxa a luz da estrella do nosso amor! Tomei animo! Sabia que o marquez costumava ir á noite passeiar na quinta, e meditar, no meio do silencio nocturno, algum d'esses actos energicos, que deslumbram a Europa, ou alguma d'essas reformas gigantes que reanimam Portugal! Imagina como eu olharia para o homem, que dentro de duas horas ia decidir do meu destino!... Quando tudo caiu em silencio, saí do quarto, e dirigi-me ao jardim. O coração batia-me com uma força incrivel! Vinte vezes parei não me sentindo com animo de progredir! Deu-me forças a tua imagem, Paulo! O marquez passeiava no jogo da bola. Vendo-me, voltou-se espantado! Cheguei-me e disse-lhe, ou antes balbuciei tudo. Mais eloquentes do que as minhas palavras foram as minhas lagrimas. Caí aos pés d'elle, lavada em pranto. O marquez, com o mesmo rosto impassivel levantou-me, beijou-me na testa, dizendo-me com bondade: Esteja descançada, tudo se ha de arranjar; mande dizer a Paulo que volte, e ninguem o tornará a incommodar. N'este momento appareceste tu.

— Alimentaste esperanças vãs, Magdalena, tornou Paulo sombrio, o meu procedimento d'esta noite destruiu-as.

— Não, no momento do teu maior furor disse-me

o marquez: Esteja descançada; o que prometto cumpro.

N'este momento um grande reboliço, que tinha logar nas salas do paço, attrahiu a attenção dos dois namorados.

Historiemos o que se passára durante a conversa explicativa.

O pobre marquez de Valladares conservára-se empoleirado, sem que ninguem lhe valesse, livrando-o das garras das velhas, e da incommoda posição. Redobravam as gargalhadas dos circunstantes, quando o infante D. Pedro e a princeza real appareceram nas janellas da *sala de D. Quixote*.

Apenas a princeza D. Maria appareceu na janella, inquirindo o motivo de tanto reboliço, a velha dama de honor aproveitou a occasião para berrar com toda a força dos seus pulmões:

— Justiça, serenissima senhora! Mande vossa alteza real prender este seductor, este salteador da minha honra!

— O que é isso, D. Anna? — acudiu serenamente a futura D. Maria I.

— O senhor marquez de Valladares, serenissima senhora, tentou introduzir-se pela janella do meu quarto.

— O marquez! acudiu a austera princeza, franzindo as sobrancellas. Leviandades imperdoaveis n'uma cabeça juvenil, são ainda mais dignas de censura e de severo castigo n'um ancião. Desça, ande, senhor marquez de Valladares.

— Mas vossa alteza real bem vê que não posso, balbuciou o pobre fidalgo, que tinha a cara vermelha como um pimentão, e os olhos esgaseados de espanto.

— Acudam ao pobre marquez, disse rindo o infante D. Pedro.

Correram uns criados, que tinham apparecido, a segurar na escada. Sentiu-se n'este momento o reboliço que perturbou D. Paulo de Lencastre, e el-rei D. José entrou na *sala das talhas*, vindo do seu aposento collocado na outra extremidade do corpo do edificio.

El-rei tinha-se levantado á pressa, julgando, como todos os outros, que havia fogo no palacio; depois, socegado a esse respeito, mas incitado pela curiosidade, dirigiu-se para o sitio d'onde partiam os gritos.

Acompanhavam-n'o o marquez de Pombal, que se tinha encontrado com elle ao pé da *sala da tocha*, e que lhe vinha explicando o acontecido e aconselhando a resolução que devia tomar, a qual, apesar da seriedade com que o marquez a dizia, fazia rir muito sua magestade; o marquez de Marialva, esse typo da velha aristocracia, generoso e beneficente; o marquez de Angeja, que devia ser successor de Sebastião de Carvalho e Mello; o superficial marquez de Alvito; e o moço conde do Prado, que já tinha tido a honra de salvar, em Villa Viçosa, a vida del-rei.

Quando a comitiva chegou á *sala das talhas* todos os cortezãos se desviaram, e o rosto de sua magestade assomou a uma das janellas, apparecendo, um pouco mais atraz, o rosto impassivel do primeiro ministro, que assestava a luneta para a scena comica com tanta gravidade, como a que assumiria ao entrar no conselho de estado.

— Então o sr. marquez de Valladares, disse el-rei, confessa ter tentado penetrar no quarto de uma senhora solteira?

— Eu, real senhor...

— Confessa, já se vê, interrompeu o marquez de Pombal; se todos viram...

— Mas...

— Ahi tem vossa magestade a que está exposta, até no paço real, a virtude das donzellas, bradou a voz esganiçada da dama de honor.

— Socegue, minha senhora, acudiu cortezmente el-rei, que ha de ter completo desaggravo. O sr. marquez de Valladares de certo não póde, nem quer, nem ha de negar a desaffronta devida a reputação tão respeitavel como é a da sra. D. Anna, reputação que podia ser dilacerada pelas bocas da calumnia. Do proximo casamento serei, pois, eu o padrinho, e a princeza real a madrinha.

— Mas, meu senhor...

— Sou eu o padrinho, sr. marquez de Valladares. Basta. É já alta noite, meus senhores, e todos precisâmos de repouso. Vamos a aproveitar as poucas horas que nos faltam para ser dia claro.

Todos se retiraram; o marquez de Valladares, que tinha descido a escada com a ajuda de um criado, retirou-se cabisbaixo e triste. D. Anna fechou a janella com um suspiro, e disse para a criada:

— Se não fosse o cuidado da minha reputação, não era eu quem casava. De mais a mais, entre nós ambos ha uma grande desproporção de edade; uma differença de doze annos é demasiado.

— Quasi que podia ser seu pae.

— Eu tenho setenta annos, e elle oitenta e dois. Ah! Theresa, acrescentou a dama de honor com um suspiro, é uma tyrannia obrigar a gente a contrahir d'estes casamentos deseguaes.

....

No dia seguinte D. Paulo de Lencastre, chamado a uma entrevista na quinta por Magdalena, via-a chegar quasi louca de alegria.

— Venho agora de estar com o marquez, disse-lhe Magdalena assim que chegou ao pé d'elle, que bem que me tratou! Quando eu lhe pedi que se não irritasse comtigo, respondeu-me sorrindo: «Que lhe disse eu hontem? Ninguem ha de incommodar o seu noivo. Casem depressa. Elle hontem mostrou que era um estouvado, mas rapaz desembaraçado e franco. De gente assim gósto eu. Bem se vê que não foi discipulo dos jesuitas. Dê-lhe este pergaminho, accrescentou o marquez estendendo-m'o, é uma patente de capitão no exercito de sua magestade. Diga-lhe que ahi póde ganhar, por si mesmo, illustração para o seu nome. É essa a melhor nobreza. A illustração que nos vem dos nossos antepassados é apenas o pallido reflexo de gloria brilhante que outros adquiriram. Vale mais ser sol do que planeta. Este outro pergaminho, continuou elle dando-m'o tambem, é o meu presente de noivado. É o titulo de propriedade de uma quinta em Traz-os-Montes. Vão, casem, lembrem-se alguma vez do marquez de Pombal, e façam-lhe mais justiça do que os seus contemporaneos, e talvez do que a posteridade!

— Este homem é um enigma para mim, como o ha de ser para os vindouros, disse Paulo pensativo. Pesados os seus crimes e os seus beneficios pela justiça divina, para que lado penderá a balança do Eterno? Não o sei. Mas nós, simples mortaes, não devemos invadir as attribuições da Providencia. Devemos calar-nos e submetter-nos submissos ao julgamento de Deus.

....

Passados quinze dias chegavam os dois a Traz-os-Montes. D'ahi a um mez estavam casados.

E entretanto, na capella real de Queluz, effectuava-se pomposamente o casamento do marquez de Valladares com D. Anna de Faria Ximenes Encerrabodes. A noiva trajava de branco, levando a coroa virginal da flor de larangeira. Todos admiraram a pudibunda cor das faces da donzella. A senhora D. Anna costumava comprar o pudor em caixinhas, disfarçado com o nome prosaico de carmim.

Derramou copiosas lagrimas na solemnidade matrimonial. Despedia-se com saudade dos seus sonhos candidos de virgem, e da sua descuidosa innocencia. Ah!

O marquez ficou de tal maneira escarmentado, que nunca mais pensou em commetter a mais leve infidelidade conjugal. Entregou-se em compensação aos prazeres da mesa, engordando de fórma que se não podia mexer, depois de jantar, da ampla cadeira onde se recostava.

Era n'esses momentos que o illuminava uma prophetica inspiração, e que dizia, conversando com os bordados da casaca, o verso que Francisco Palha havia de escrever quasi um seculo depois:

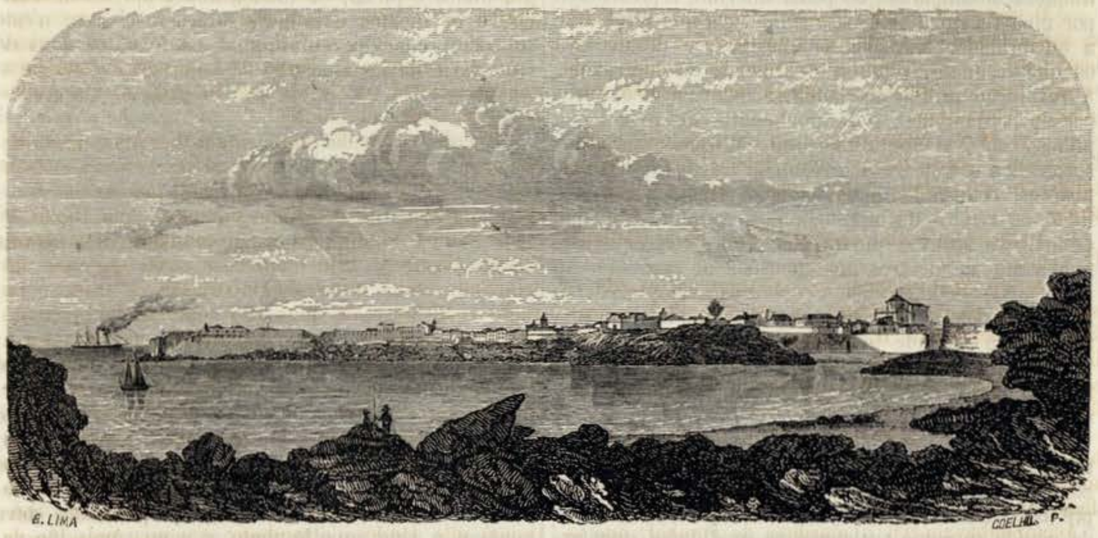
«Ganhei gordura se illusões perdi».

M. Pinheiro Chagas.

VISTA GERAL DE CASCAES

D'esta antiga villa e praça de guerra temos fallado já a pag. 253 do vol. v, e nos artigos intitulados «Defesa maritima de Lisboa». [1] Hoje damos a vista geral da sua situação á beiramar, com a excellente bahia, que tão appetecida se tem tornado n'estes ultimos annos para os banhos na estação calmosa, posto que as praias e ondas da Ericeira lhe sejam mui superiores.

A carreira diaria dos vapores da empreza Burnay, e das carruagens Omnibus, tem attrahido para esta villa, outr'ora tão empobrecida, a concurrencia de muitas familias no verão, o que já vae contribuindo para o progresso e aceio da terra, que póde tornar a ser uma importante villa e praça maritima, como outr'ora.



Vista geral de Cascaes

[1] A pag. 233 e 251 do vol. v.

GABRIEL JOSÉ RODRIGUES DOS SANTOS

(Vid. pag. 289)

IV

Muitos são os chamados e poucos os eleitos na vida publica. Quem já atravessou essa arena, aonde os passos e as quédas se alternam, sabe como ella é confusa e escorregadia, como as trevas a cegam de repente, e quantos precipicios ameaçam no seu recinto a sinceridade e a inexperiencia. As bandeiras dos partidos hasteadas, o ruido incessante dos que se encontram e atropellam, as vozes dos chefes e dos clientes, a celeuma das turbas; o estrepito vario da praça e da tribuna; e os clamores das ovações interrompidas pela imprecação dos vencidos, desváiram, ensurdecem, e irritam os mais firmes e desassombrados. N'aquelles arraiaes, mesclados de toda a especie de combatentes, a mentira e a perfidia, o vituperio e a suspeita empregam-se como armas licitas, e mais ou menos afiadas, sem escrupulo, nem remorso. A imparcialidade cobre o rosto; a virtude falla em vão; a calumnia e a inveja, sentadas aos pés do throno de lodo e farrapos da falsa popularidade, mancham de peçonha as reputações, ou mordem e dilaceram os mais nobres e puros sentimentos.

Este quadro, cujas tintas o tempo, felizmente, todos os dias vae apagando, retratava ha vinte annos, com fidelidade, a physionomia voluvel e irosa dos bandos ajuramentados em rivalidades violentas, e quasi sempre rodeados de um cortejo pouco honroso. A miudo o clarão sinistro dos incendios civis allumiava-lhes o caminho, e, levando adiante de si por arautos e lictores a intolerancia, a diffamação, e o ostracismo, corriam a escalar o poder, d'onde os contrarios lhes respondiam com egual furor, convertendo em cidadella dos interesses e paixões partidarias as mais altas espheras do governo. O Brasil, assim como Portugal, já o dissemos, pagou largamente o seu tributo de provações a este noviciado inevitavel. Se a transição não consumiu alli successivas gerações de iniciadores, ou se os principios que encerram a luz e a esperança das sociedades modernas, não lhe custaram a nodoa do regicidio, o opprobio das proscripções, e o sangue de milhares de victimas, todavia a febre e o delirio das innovações temerarias, desfallecendo-lhe a adolescencia constitucional, roubaram-lhe muitos annos promettidos ao fecundo e auspicioso desenvolvimento.

Quando Rodrigues dos Santos lançou pela primeira vez a vista sobre os campos inimigos, em que as parcialidades dividiam então a patria, os horisontes tinham-se carregado de espessas sombras. Fundada a independencia do Brasil, e levantados os alicerces do systema representativo, a impaciencia das opposições gastou depressa a popularidade, sobre que D. Pedro I edificára a maior esperança do seu reinado. O descontentamento crescia, os erros da inexperiencia transformavam em odios as dissidencias, e as polemicas desgrenhadas dos jornaes, não poupando nem a pes-

soa inviolavel do soberano, concorriam muito para exacerbar o conflicto. São bem sabidos os successos que determinaram a volta do imperador á Europa. Afastando-o por um lance repentino da terra de Santa Cruz, a Providencia trouxe-o quasi pela mão ao berço, aonde nascêra, para que a arvore da liberdade, replantada por suas mãos, não tornasse a enfezar-se e a morrer. Abdicando a coroa imperial, D. Pedro mostrou animo superior a todas as adversidades, deixando nas praias da America, assignalada no mais nobre exemplo, a boa memoria do seu nome, e gravada na primeira pagina da vida nova do povo a data gloriosa que sempre a lembrará. Mas as multidões ainda estavam mui proximas dos acontecimentos para anticiparem o juizo da posteridade. A razão só prevaleceu depois. Ainda era cedo para a recordação de uma immensa divida inspirar a todos a sincera e saudosa homenagem prestada ás cinzas do heroe, que soube ser ao mesmo tempo um grande homem e um rei philosopho.

Os primeiros momentos da menoridade do sr. D. Pedro II correram inquietos entre as incertezas do porvir e o rebate incessante dos tumultos e sedições. A fraqueza desamparada do poder interino, representado por uma regencia sem base solida, em que arraigasse a auctoridade, animava as ousadias, e desalentava os que tremiam, vendo-a escarnecida ou desacatada. A revolução militar da Bahia, a insurreição das tropas de Pernambuco, e os movimentos de 14 e 15 de julho e de 7 de outubro, juntos ao predominio das sociedades secretas e á arrogancia dos bandos triumphantes, rompendo quasi todos os vinculos e demolindo os esteios da ordem publica, annunciavam tão desastrosos futuros, que o receio d'elles como que atenuava até as maiores apprehensões do presente. No meio dos repetidos abalos, que pareciam preceder o terremoto das instituições monarchicas, e talvez a dissolução da unidade politica, o padre Diogo Antonio Feijó, vulto para o qual já começa a verdade da historia, foi uma força e uma esperança, reprimindo e contendo a torrente revolucionaria de 7 de abril.

Mas elevado á regencia, ou porque o seu genio o trahisse, ou porque as circunstancias conspirassem contra elle, o que é mais certo, provou que nem sempre bastam os mais invejados dotes para nas alturas do mando supremo realçarem as qualidades manifestadas em menos arriscada posição. O regente foi a sombra, apenas, do ministro da justiça, que não recuára diante dos impetos e convulsões da anarchia, impondo-lhes o freio de uma vontade inflexivel. Eleito em virtude do Acto Addiccional, em 7 de abril de 1835, sem que podésse ser accusado de pusillanimidade, ou de attentar contra a lei fundamental e as garantias essenciaes do systema, talvez por fatigado e desilludido, pouco se demorou em confessar que sentia os hombros debeis para tão pesado encargo. O espectaculo da rebellião, que ardia em algumas provincias e ameaçava estender-se a outras; a mágoa de assistir ao doloroso quadro da dissolução dos elementos em que fundára os alicerces da sua politica; a fé punica e a volubilidade dos auxiliares que se viu obrigado a acceitar; as vozes irritadas da opposição na camara; e a falta do necessario apoio na opinião desvairada, ou offuscada, desenganaram-n'o da inutilidade dos seus esforços, e convencido de que a sua presença no governo por mais tempo seria um obstaculo em vez de um beneficio, não consultando senão a consciencia e o dever, calou comsigo os dissabores, e tomou a generosa decisão de immolar o orgulho e as ambições, se acaso as tinha, ao grande pensamento da conciliação nacional.

Em 19 de setembro de 1837, dezesete mezes completos depois da eleição, resignava a regencia e chamava para o substituir, em obediencia á constituição, o senador Pedro de Araujo Lima, nomeado na vespera ministro do imperio. O officio e a proclamação em que o padre Feijó communicou a sua resolução ao ministro do imperio e ao paiz, tanto na concisão e dignidade do estilo, como pela abnegação espontanea do sacrificio, honram a integridade do seu caracter, e illustram a historia contitucional do Brasil. Poucos o imitariam, e raros como elle sairiam do poder com egual desinteresse, e tão desaffectada singeleza. De ordinario, os que mais se queixam dos espinhos do governo são os que menos desejam arrancal-os de si. A phrase nunca passou de uma amplificação rhetorica, e chegada a occasião, longe de descerem com o sorriso da serenidade nos labios, estorcem-se, arquejam, e é preciso precipital-os. Ha mais. Os invalidos, os surdos, os marasmados, com modestia admiravel, declaram-se indispensaveis, inventam prodigios de equilibrio para se suster, e acabam assegurando que o ar das altas regiões é tão saudavel, que lhes restaura as forças physicas e os brios intellectuaes. Para estes e seus panegyristas o governo assimilha-se a uma casa de saude, aonde hibernam sem perigo, e convalescem dos desfallecimentos mentaes! Desgraçadamente, o milagre nunca é pleno. Os mudos nunca aprendem a fallar, e os ineptos e imbecis nunca receberam n'este supposto cenaculo, em linguas de fogo, os dons do engenho e da inspiração!

(Continúa) REBELLO DA SILVA.

O ANJO DA GUARDA

EPISODIO DA GUERRA DA INDEPENDENCIA HESPANHOLA

(Conclusão. Vid. pag. 335)

IV

— Ahi... — proseguiu Manuel — n'essas ondas, que tanto sangue levaram durante cinco annos, jaz, sr. prior, um martyr da independencia hespanhola, morto quando contava quinze mezes apenas... e a quem, apesar d'isso, estes dois corações, que foram unidos para sempre á face dos altares, devem a vida e a felicidade. Não fallo de Clara, porque, embora deva tambem a vida áquelle santo menino, mais lhe valêra ter morrido com elle! Pois não vê o estado em que se encontra a desgraçada?

— Admira-se, padre, de que aos quinze mezes podesse a innocente criancinha fazer tanto bem á sua familia! Comprehendo. Eu não só me admiro, senão que me envergonho!... Verá como fiquei aquella noite.

Assim dizendo, Manuel apresentou ao parocho a mão direita, horrivelmente desfigurada por larga e profunda cicatriz. Depois continuou:

— Aos quinze mezes, sim! morreu aos quinze mezes, e a sua vida nem foi esteril, nem inutil... Muitos vivem largos annos sem merecerem tanto beneficio da sua geração. Deus o terá, sem duvida, ao lado dos martyres e dos heroes!

— Foi tristissimo para Tarragona o dia 28 de junho 1811. Bem o sabe. O prior achava-se preso desde o assalto de 4 de maio, e não presenciou todo o horror da tomada da cidade. Não viu morrer cinco mil hespanhoes em dez horas; não viu incendiar casas e templos; não viu assassinar inermes anciãos e debeis mulheres; não viu insultado o pudor das virgens, a magestade das mães, o voto das religiosas!... não viu o roubo e a embriaguez confundidos com o amôr e a carnificina; não viu, em fim, uma das maiores proezas do vencedor do mundo, do heroe do nosso seculo, do semi-deus Napoleão!

— Eu vi tudo. Vi os enfermos saírem do leito da agonia, arrastando os lençoes como sudario, e pere-

cerem ás mãos do soldado estrangeiro no umbral da mesma enfermaria em que um dia antes entrára o Viatico. Vi estendida na rua uma mulher degolada, e ao seu lado uma terna criança que ainda se amamentava ao peito da mãe morta! Vi o esposo amarrado presenciar a profanação do leito nupcial; os filhinhos que choravam em volta de tão horrivel scena; a desesperação e a innocencia que appellavam para o suicidio; e a impiedade escarnecendo diante dos cadaveres!

— Meu pae e meus irmãos morreram n'aquelle dia de tristissima recordação. Ferido na mão direita, inutil para a lucta, refugiei-me em casa de Clara, que era minha noiva. Esta, assustada e angustiada, assomára á janella temendo pela minha vida, e arriscando a sua com o intento de ver se eu passava pela rua. Entrei. Os que me perseguiam viram-n'a. Era tão formosa!

— Um rugido de selvatico alvoroço, e a brutal e estridente gargalhada que o seguiu, foram os signaes da homenagem prestada á belleza. Instantes depois, os machados e o fogo destruiram a porta da nossa casa...

— Estavamos perdidos!

— A mãe de Clara, levando nos braços o desventurado menino que jaz n'essas ondas, refugiou-se comigo e a filha na cisterna da casa, que era profundissima, e estava sêcca por causa de não ter chovido havia muitos mezes. Aquelle menino, Miguel, era irmão de Clara... o filho mais novo da que a guerra deixára viuva.

— Dentro da cisterna poderiamos salvar-nos. Tinhamo-nos salvado já! Ninguem podia imaginar que estivessemos n'aquelle sitio. Os francezes acreditavam que fugiramos pelos telhados. Assim o diziam entre horrorosas imprecações e blasphemias, em quanto descançavam no fresco pateo, em meio do qual estava a cisterna.

— Sim... estavamos já salvos!

— Clara estancava-me a ferida; sua mãe dava o peito a Miguel, e eu tremia com o frio da febre.

— Comprehendemos, no entretanto, que os francezes, devorados de sêde, tratavam de tirar agua da cisterna. Imagine, padre, a nossa agonia n'aquelle momento!

— Afastámo-nos para um lado e deixámos descer o balde até dar no solo.

— Nem respiravamos sequer.

— O balde tornou a subir.

— «Está secca, disseram os francezes no seu idioma.

— «Lá em cima talvez que se encontre agua, exclamou um.

— Vão-se! — pensámos nós.

— «Ora se elles estarão aqui dentro! — exclamou uma voz em catalão.

— Era um *afrancezado* [1], sr. prior! Era um hespanhol o que nos perdia!

— «É impossivel, replicou o francez. Não podiam descer.

— Ignoravam que se ia para a cisterna por uma mina, cuja porta fecháramos ao entrar, e não abriamos agora porque fazia muito ruido.

— De subito, Miguel começou a chorar...

— Mas não havia bem articulado o primeiro grito, quando sua mãe suffocou aquella voz que nos atraiçoava, estreitando contra o peito o rosto da criança.

— «Ouviste? — gritaram em cima.

— «Eu não... — respondeu outro.

— «Escutemos.

— Passaram dois horriveis minutos.

— Miguel queria continuar a chorar... e quanto mais o suffocava sua mãe, tanto mais se enraivecia e retorcia entre os seus braços.

[1] Denominação que se dava aos hespanhoes que seguiam a causa dos francezes, desprezando a patria.

— «Será o echo! — exclamaram os francezes.

— «Ha de ser, repetiram afastando-se.

— O ruido de seus passos apagou-se lentamente no pateo.

— Miguel já não chorava.

— Estava morto!

V

— Sr. prior! sr. prior! — gritou a mãe de Clara interrompendo Manuel — diga que é mentira! Eu não matei meu filho! Mataram-n'o elles! Matei-o eu para nos livrar! Matou-se elle para nos livrar a todos!... Ah! sr. prior! perdôe-me... Não sou mulher má! Enlouqueci por causa do meu Miguel, por causa do filho das minhas entranhas...

— Sr. prior, disse Clara, trouxemol-o aqui para que abençôe as aguas em que lançámos o cadaver de meu irmão, quando fugimos de Tarragona em a noite de 28 de junho de 1811.

— Não é verdade que Miguel está já no ceo, sr. prior? — perguntou Manuel enxugando as lagrimas.

— Sim, meus filhos — respondeu o padre — digo-vol-o em nome de Deus e em nome da patria! Minha senhora e minha irmã... Não chore — continuou dirigindo-se á anciã. Deus abençôa o martyrio que a senhora padece, como eu abençôo o menino que o causou. No ceo encontrará seu filho, e com elle a alegria da sua alma. Em quanto a vós, que tão felizes podeis ser na terra, não vos esqueçaes nunca de que comprastes a vossa liberdade á custa do tormento de outrem. Sacrificae-vos tambem pelo proximo quando se vos offereça occasião opportuna.

Assim disse o sacerdote, e á luz do sol, no meio dos campos, ao som da harmonia das aves, no templo da natureza, em fim, abençoou aquellas aguas, sepulchro do menino venturoso, que fôra o *anjo da guarda* de sua familia.

P. A. DE ALARCON.

PALACIO DO REI DE SIÃO

(Vid. pag. 324)

Já vimos que as nossas relações com Sião datam do começo do seculo XVI. Agora oiçamos qual era a valia que já alli tinham os nossos antepassados no meiado d'aquelle mesmo seculo.

Escolheremos para extracto a narrativa que nos deixou Diogo do Couto na *Decada* VI. l. 7. c. 7.

Sabendo o rei de Pegú que o de Sião tinha um elephante branco, que todos os gentios veneravam muito, havendo que a elle, como cabeça de toda aquella gentilidade, lhe pertencia mais que ao rei de Sião, mandou-lh'o pedir por embaixadores que lhe enviou com grande magestade, de que o outro zombou, não lhe respondendo a proposito.

Deu-se o rei de Pegú por muito affrontado, determinando logo ir conquistar Sião, e trazer o elephante branco. Fez chamamento de todos os reis seus vassallos, ajuntou innumeraveis exercitos, com que partiu contra aquelle reino em 1544.

Chegando á cidade de Hodia, lhe poz tão estreito cêrco, que o sião lhe mandou commetter todos os partidos que quizesse, tirando o elephante branco, que elle havia por coisa religiosa, affirmando-lhe que sobre elle havia de perder seus reinos.

O rei de Pegú (ao qual Couto chama sempre o Bramá), que havia muitos mezes estava n'aquelle cerco, e temia que as enchentes do rio Menam lhe alagassem o campo, fez pazes com o de Sião, mediante certas páreas, que se pagaram até ao anno de 1548. Porém n'este os siamezes não só recusaram pagal-as, mas assassinaram os embaixadores peguanos que as iam cobrar.

Tornou o Bramá a juntar novos exercitos, pondo em campo um milhão e quinhentos mil homens, quatro mil elephantes, e bois, cavallos, servidores, roçadores e officiaes mechanicos, em tanta quantidade que se não podiam numerar.

Quando estava para partir este poderoso exercito, chegou Diogo Soares de Mello, n'uma possante galé que havia tomado aos Achens, cuja armada elle tinha apresado no rio de Parlés. El-rei estimou muito a chegada do nosso capitão, convidando-o para ir com elle n'aquella jornada, com todos os portuguezes que havia em Pegú; mandando-lhe dar muito dinheiro para repartir por elles, como fez, juntando perto de oitenta, alguns já famosos n'aquellas conquistas, cujos nomes traz o mesmo Diogo do Couto.

Marchou o exercito, separado cada rei com os seus vassallos, em tal ordem que nunca se misturavam, e quando acampavam, cada reino punha arraial sobre si, afastados meia legoa uns dos outros; só Diogo Soares com os portuguezes estanciava perto do rei de Pegú, porque fiava mais d'elles a guarda de sua pessoa, que de seus naturaes. N'esta ordem chegou o exercito á vista da cidade de Hodia, onde estava recolhido e fortificado el-rei de Sião, com seiscentos mil homens de guerra, provido de mantimentos e munições para dois annos.

Começou o Bramá a bater a cidade por muitas partes. Porém succedeu estar lá dentro o capitão Diogo Pereira, irmão do arcebispo de Lisboa D. Miguel de Castro, com alguns portuguezes, que, por agradecidos ao rei de Sião, annuiram ao rogo que lhes elle fez, de guarnecerem um baluarte que tinha no mais estreito do rio, ponto da cidade de que mais se temia. Não esperava o Bramá achar tão invencivel obstaculo para o seu intento, como era haver portuguezes em ambos os campos, entre os sitiados e sitiadores. Procurou então modo de mandar dizer á guarnição portugueza do baluarte, que se lhe désse por alli entrada na cidade, ou deixassem de pelejar, daria a todos tantas riquezas e oiro, que ficassem bem ricos.

A isto (pondéra Diogo do Conto) lhe mandaram os portuguezes aquella resposta que os da cidade de Synania deram ao consul Bruto, quando os tinha cercados, o qual vendo a constancia e valor com que se defendiam, lhes mandou pedir uma somma de oiro, e que levantaria o cerco. Ao que responderam, *que seus passados lhes não deixaram oiro para remirem suas vidas, senão armas para se defenderem.*

Esta resposta, diz Valerio Maximo, que desejára saísse da boca de algum romano, porque não era digna de ser dada por outra alguma nação. Assim estes valorosos cavalleiros portuguezes, que estavam em Sião, mandaram dizer ao Bramá, que os portuguezes não remiam suas vidas, senão com as armas, nem vendiam sua lealdade por todo o oiro do mundo; que soubesse de certo, que em quanto elles fossem vivos, não entraria elle n'aquella cidade; e que ainda depois de todos mortos e espedaçados, se podesse ser, lh'a haviam de defender.

Vejam logo (continúa Couto) quanto mais dignos de louvar e engrandecer foram estes nossos, que aquelles romanos, que estando no capitolio cercados dos francezes se resgataram com oiro.

Vendo o Bramá tão grande desengano, levantou seu exercito, e se recolheu a seus reinos pelo mesmo caminho que trouxera.

Pelo que acabâmos de summariar, junto ao que já dissemos n'outro num. [1] se póde bem inferir a razão por que os siamezes ficaram tendo aos portuguezes tanta affeição, a ponto de se conservar até hoje na sua capital um bairro portuguez, e ser alli fallada a nossa lingua, com tal conceito que o tratado de commercio feito entre o governo dos Estados-Unidos da America e o rei de Sião em 20 de março de 1833, apesar de ser escripto em inglez, e siamez, se lhe juntou uma *traducção em portuguez, para testimunho do seu conteudo*, segundo refere mgr. Pallegoix, bispo de Sião, na obra que já citámos.

Ainda mais: a intendencia e protecção dos interesses da população christã de Bangkok, capital de Sião, tem estado sempre confiada a portuguezes, alli nascidos e alliados por matrimonio a familias siamezas, como é actualmente o illustre mandarim Paschoal Ribeiro de Albergaria, general de artilheria do exercito de Sião, com o titulo de *Pya Visset*, cujo retrato damos n'este numero, copiado da *Viagem* publicada no *Tour du Monde* por M. Henri Mouhat, naturalista francez, o qual diz, fallando d'este nosso provecto concidadão: *Ce magistrat a dans les veines du sang portugais de la bonne époque, et il le révèle par ses traits et par son caractère.*



Paschoal Ribeiro de Albergaria, mandarim e general de artilheria em Sião

No relatorio da missão extraordinaria de Portugal a Sião, em 1859, de que foi encarregado o sr. conselheiro Isidoro Francisco Guimarães, hoje visconde da Praia Grande, lê-se o seguinte:

«O general de artilheria, Paschoal Ribeiro de Albergaria, é um dos descendentes de antigos portuguezes, como ha muitos em Sião. É homem de mais de sessenta annos (hoje excederá os setenta) de edade, e de mui agradaveis maneiras: falla o portuguez mui intelligivel, e escreve-o soffrivelmente. Estes descendentes de portuguezes são em tudo siamezes, menos na religião, porque seguem a christã. Em lembrança dos serviços prestados por seus maiores aos reis de Sião, os tem estes sempre tratado com particular benevolencia».

S. exc. o sr. visconde da Praia Grande, entre outras noticias que se dignou dar-nos a respeito da sua embaixada a Sião, e que ao diante mencionaremos, disse-nos que o sr. Albergaria é um dos cavalheiros portuguezes mais estimados n'aquella corte, e o julga oriundo da nobilissima familia dos Albergarias do Minho, a que tambem pertence a distincta escriptora condessa de Montemerli.

Damos com ufania o retrato de um nosso patricio tão considerado n'aquelle reino, não só do soberano e dos siamezes, mas de todos os viajantes estrangeiros que d'alli tem escripto. Esperâmos obter mais algumas particularidades da vida d'este illustre portuguez.

(Continua)

[1] 41 do vol. I. Vid. tambem a *Viagem á China* do nosso amigo e collaborador o sr. C. J. Caldeira.

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio.